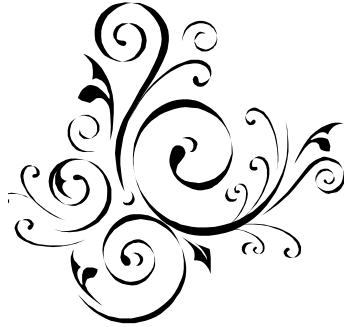




# Legado de Sangue

**Raquel Pagno**





Legado de Sangue  
Raquel Pagno

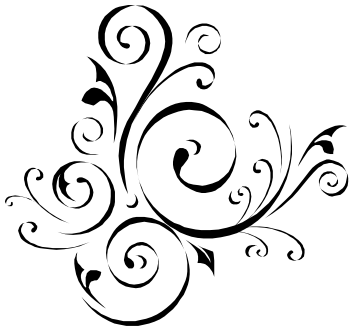
Copyright © by **Raquel Pagno**

**[www.raquelpagno.com](http://www.raquelpagno.com)**

Direitos Autorais reservados de acordo com a Lei 9.610/98

**Revisão** – Natalia Araújo e Marcos de Sousa

**Capa** – Eddy Khaos



# Prólogo

— Em tempos de guerra tudo fica escuro, sombrio. O pavor esconde as almas, tranca-as para sempre em baús apertados. E os sorrisos somem dos rostos aflitos que anseiam por notícias de quem partiu para a batalha. E nós, as mulheres, apenas choramos e tentamos levar a vida de um jeito qualquer.

— Mas vovó, — eu perguntava aflita — a guerra virá para me buscar?

— Não, querida, a guerra não virá — respondia-me sempre, com aquela ternura estampada no rosto tomado pelas rugas, que, já naquela época, evidenciavam o sofrimento que vivera e a vida dura que levava, enquanto emaranhava seus dedos nos cachos dos meus cabelos.

Eu não me lembrava da história toda, tinha pouco mais de oito anos de idade e seria difícil lembrar, então fazia sempre as mesmas perguntas. E ouvia sempre as mesmas respostas. Apesar de eu não entender muito bem o que ela queria dizer com todas

aquelas explicações chorosas, guardei no coração a sensação de que algo de ruim acontecera em um passado remoto, muito antes de eu nascer. O que eu sabia era que estava relacionado ao velho casarão que eu sempre parava para olhar, desde que começara a frequentar a escola. Aquele lugar me fascinava, atraía-me de uma forma que eu não podia me negar a encará-lo, com suas janelas tortas que me olhavam convidando-me a entrar, a conhecer o que um dia já fora imponência e que agora não passavam de ruínas. Imaginava-me vivendo naquele lugar e esses pensamentos eram como lembranças e me traziam saudades de coisas que eu jamais havia vivido.

A sensação de intimidade com aquela casa aumentava com o passar dos anos, e eu sonhava acordada em como ela seria por dentro. Eu via exatamente em minha cabeça a localização de cada cômodo e como fora decorada em seus tempos de glória. Eu a imaginava como a casa que via nas fotos do velho álbum de família, amarelado pelo tempo, que minha avó guardava dentro do seu armário, debaixo das roupas mal dobradas, como se fossem um valioso tesouro as fotos de sua família. Nelas eu reconhecia o rosto de minha mãe, do meu tio e da vovó e via também duas meninas gêmeas e um elegante homem, de olhar misterioso, que eu julgava ser meu avô, e então eu perguntava-lhe sobre ele.

— Não bastasse a fome e a miséria, tinha ainda que vir a

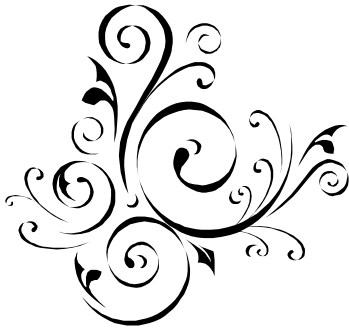
guerra. — lamentava-se ela, fechando os olhos como que para puxar as lembranças mais antigas — A guerra levou o seu avô embora. E ela nunca devolve aqueles que leva e, se devolver, eles já não serão mais do que trapos, farrapos humanos que não servem para nada, além de dar mais trabalho e mais despesas.

Eu podia sentir na amargura da sua voz a tristeza que ela levava consigo. Ela sempre fora assim e eu aprendi a conhecê-la, escondendo a dor que sentia naquelas palavras de ódio e crueldade. Minha mãe dizia que ela era seca, não tinha mais sentimentos bons, apenas amargura e rancor, que era má e que só via defeitos nos poucos que a rodeavam. Mas eu sabia que não era assim. Ela era doce, cheia de deliciosos segredos, que, vez ou outra, deixava escapar quando encontrávamos algo escondido em meio as suas coisas no minúsculo quarto em que habitava.

Mas o segredo maior, e o pior de todos, esse ela guardava só para si, enquanto o tempo passava e nós — eu e minha irmã, dois anos mais nova que eu — crescíamos depressa, e minha mãe ficava velha e acabada. Muito tempo depois, ainda na adolescência, eu comecei a entender o que tudo aquilo significava. Deixei de perguntar sobre o meu avô e sobre a guerra. Passei a sentir náuseas quando via a dor estampada no rosto de minha avó sempre que ouvia minhas incessantes indagações. O meu interesse agora era outro, bem diferente.

Mas, comecemos do início.





# O Intrigante Passado

Era inverno de 1934. Depois de muitos anos de sofrimento com o fascismo e a Itália recém-unificada, o povo italiano abarrotava os portos tentando fugir do horror que se instalara no país, das batalhas e dos conflitos internos, dos quais já estavam saturados e agora do pavor que a nova guerra lhes causava. Francesca, minha avó, espremia-se em meio à multidão, protegendo com as mãos a barriga, grávida de Marco e carregando pela mão Teresa, minha mãe, de três anos de idade. Tinha apenas dezenove anos, na época, e sua mãe partira pouco depois do seu casamento. Morrerá tísica.

Francesca lembra-se de como a mãe ficara fraca nos seus últimos dias. Faltou-lhe comida e remédios. Faltou-lhe tudo. O marido, mandado aos campos de batalha, não fora poupado ao menos para ajudar a cuidar da pobre mulher doente, de quem Francesca precisava tomar conta como se fosse um bebê.

O pai de Francesca quis casar logo a filha e por isso

arranjou-lhe um marido bem jovem. Jovem o suficiente para não ter sido ainda chamado para a batalha. Ela chorava, afirmava não querer se casar, era ainda jovem demais para cuidar de um marido, não aprendera nada como deveria. Recebera instruções sobre artes, ciências e literatura em aulas ministradas nas próprias fazendas por professores voluntários, mas ainda não havia aprendido coisas como o bordado, a culinária; nem sabia como seria ter um marido e tomar conta de uma casa, sem a mãe para lhe dar instruções. Aliás, não desejava seguir o destino da mãe, que adoecera por deixar de comer para que sobrasse comida aos filhos. Não houve festa. Apenas um padre assustado, um noivo apavorado e uma mãe tísica, que faleceu apenas dois meses após o casamento.

— Ou ao menos, é assim que me lembro. Perde-se a noção do tempo depois de alguns anos de guerra — conta Francesca.

Após a morte da mãe de Francesca, os recém-casados passaram a viver sozinhos na casa que fora dos pais dela. Um casarão antigo, em frangalhos, no meio de uma propriedade rural, onde antes da guerra havia um vinhedo. A casa tinha agradáveis lareiras em três cômodos, entre eles, o quarto do casal onde, quase um ano depois do casamento, houve a noite de núpcias, com Francesca beirando os dezesseis anos e o pobre noivo com dezesseis completos. Assim, Teresa foi concebida.

O marido franzino de Francesca foi chamado para a guerra

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

